

Lee Konitz e Orquestra de Jazz de Matosinhos

GRUPO CAIXA GERAL DE DEPOSITOS

Culturgest

JAZZ 10 DE MARÇO DE 2006

21h30 · Grande Auditório · Duração 1h30

Orquestra de Jazz de Matosinhos

Direcção Musical Ohad Talmor

Trompetes Erick Poirier, Rogério Ribeiro, Susana Silva, José Silva **Saxofones** José Luís Rego, José Pedro Coelho, Mário Santos, João Guimarães, Rui Teixeira **Trombones** Michael Joussein, Daniel Dias, Álvaro Pinto Gonçalves Dias

Contrabaixo Damien Cabaud **Guitarra** André Fernandes **Bateria** Mário Barreiros

Solista – Saxofone Lee Konitz

Piano Carlos Azevedo e Pedro Guedes

Road manager Cláudia Pinto **Técnico de Som** Luís Miguel Nogueira **Roadie** Dário Lima



LEE KONITZ e OHAD TALMOR

Lee Konitz: um clássico que nunca deixou de ser moderno

MANUEL JORGE VELOSO

Assistir a um concerto com a participação do saxofonista Lee Konitz é, nos nossos dias, sem sombra de dúvida, uma oportunidade única para contactar com algo que começa a ser já só possível fruir através da gravação discográfica: o riquíssimo legado dos grandes mestres do *jazz*. Sejamos claros: ao decidir começar estas notas para o concerto de hoje de uma forma tão peemptória, mais não pretendi do que procurar forçar a atenção do espectador para o facto de estar prestes a partilhar a música de um desses mestres ainda vivos, assim podendo testemunhar qualquer coisa de potencialmente excepcional.

Entretanto, um outro proveito suplementar e raro nos pode proporcionar este concerto: é que, ao contrário de muitos outros mestres, naturalmente fiéis ao longo da sua carreira a uma corrente ou a uma linguagem estética que eles próprios ajudaram a definir e configurar nos seus traços essenciais, o brilhante percurso artístico de Lee Konitz bem como o impressionante desdobramento das vias que a sua trajectória musical conheceu conduzem-nos à constatação de que só muito esporadicamente se encontram na história do *jazz* músicos com tamanha inquietação criativa ou disponibilidade para se renovar, enfrentando, sempre com a bonomia e o prazer de tocar que se reconhecem em Konitz, novos e diferentes desafios. Partam eles da sua própria iniciativa em termos conceptuais ou venham a inserir-se em reptos de terceiros.

Finalmente, uma outra singularidade que este concerto encerra e muito deve orgulhar os amadores de *jazz* portugueses é o facto de ele poder contar com a participa-

ção de uma formação instrumental portuguesa de grande porte, uma colaboração ao mesmo tempo estimulante e empenhada já que à iniciativa dos seus principais responsáveis pertenceu este convite a Lee Konitz. Mas que demonstra, de forma exuberante, quão diferente, confiante e internacionalizada está a nossa cena jazzística actual.

É preciso sublinhar, a este propósito, o trajecto inteligente e consistente seguido pela Orquestra de Jazz de Matosinhos (OJM) nesta sua crescente afirmação no *jazz* português, para tal se revelando imprescindível a estratégia de passos graduais que, a um observador atento, parece ter sido estabelecida por Carlos Azevedo e Pedro Guedes, seus mentores e directores musicais.

Procurando, em primeiro lugar, reunir os indispensáveis apoios mecenáticos e institucionais capazes de tornar menos sujeito a indesejáveis sobressaltos um trabalho de fundo que se quis logo à partida paulatino e seguro, a própria formação da orquestra privilegiou a cooptação de músicos de estante (em parte, ainda alunos de música) com leitura desenvolva, junto dos quais se fez sentar a título permanente este ou aquele solista residente, já com notória *tarimba* profissional.

Assim se assegurava o salto seguinte para um outro vector importante: a criação de um repertório próprio e original, cuja concepção não partia tanto das roupagens instrumentais e dos arranjos mais ou menos brilhantes para temas do *songbook* usual do *jazz* mas, sobretudo, nascia das composições de raiz, escritas logo directamente para esta formação por Carlos Azevedo ou Pedro Guedes. Do mesmo passo, criava-se no seio da orquestra um ambiente de emulação capaz de suscitar a afirmação a médio prazo de novos solistas que viessem a assegurar com mais segurança e cultura jazzística esta vertente essencial ao *jazz*: a improvisação.

Concebida a orquestra como uma espécie de *oficina* na qual é possível experimentar os mecanismos da composição e da instrumentação, jogar com os timbres e as dinâmicas e praticar o exercício da imaginação improvisativa, estavam criadas as condições para novos saltos qualitativos, entre os quais a participação pontual de solistas estrangeiros, como Bob Berg, Ingrid Jensen e Conrad Herwig, e a abertura ao repertório de outros compositores portugueses, como António Pinho Vargas, António Pinto, Bernardo Sasseti, Laurent Filipe, Mário Laginha, Pedro Moreira ou Zé Eduardo (Porto, 2001), posteriores colaborações de personalidades como Mark Turner ou Rich Perry, parcerias com orquestras ou grupos instrumentais de outras áreas, como o Remix Ensemble, ou o convite a consagrados directores de orquestra internacionais para fazerem ouvir as suas obras, como foi o caso de Carla Bley em 2003.

É também nesta linha que se insere o concerto de hoje, no qual a OJM será dirigida por Ohad Talmor, um outro notável (e jovem) chefe de orquestra, compositor, arranjador e instrumentista, com talento e peso crescentes na actual cena norte-americana. Nascido em França de pais israelitas, tendo vivido e estudado música na Suíça, formado em Musicologia na Europa e diplomado em composição pela Manhattan School of Music, Talmor está hoje radicado em Nova Iorque, correspondendo a sua carreira, a sua formação teórica e as suas práticas musicais àquilo que é hoje um músico de jazz moderno e polivalente, como o demonstram os mais diferenciados projectos em que está inserido.

Isto reflectir-se-á, necessariamente, na própria concepção da sua escrita para orquestra. Conhecidos outros trabalhos anteriores de Ohad Talmor para agrupamentos mais pequenos – designadamente os exigentes arranjos para o noneto de Lee Konitz ou a fabulosa reconversão de peças

de Steve Swallow – será muito interessante descobrir os contributos da instrumentação de Talmor para estas peças inéditas do grande saxofonista, agora para uma formação de maiores proporções.

Estaremos seguramente afastados de um tratamento orquestral que apenas exiba, de um ponto de vista meramente espectacular, o consabido e vibrante jogo de pergunta-resposta entre os vários napes da *big band* tradicional e muito mais próximos do ágil contraponto e da pastosa interacção das várias vozes instrumentais (independentemente da família a que pertencam), originando singulares reagrupamentos de onde resultarão novas associações tímbricas. Ao serviço de um conjunto de obras especialmente encomendadas a Lee Konitz e que hoje aqui têm a sua estreia mundial num concerto que se prevê venha a ser gravado e editado por uma editora independente norte-americana: a Omnitone.

Março, 2006

Lee Konitz

Nasceu em Chicago em 13 de Outubro de 1927. Começou por estudar clarinete, mudou para saxofone alto e tocou com Jerry Wald. Os seus solos na Orquestra de Claude Thornhill, de que fazia parte (em 1947) chamavam a atenção. Um ano depois integrava o histórico noneto de Miles Davis e Gill Evans “Birth of the Cool” – participando do célebre álbum com esse título –, que vai produzir uma música que se distinguia de tudo o que se fazia até então e ficou designada por *cool jazz*. Em reacção ao *bebop*, então dominante, no *cool*, mais subtil, melancólico e contido, predominavam linhas melódicas sofisticadas e de arranjos complexos (Gerry Mulligan, Chet Baker, John Lewis, Dave Brubeck, Lennie Tristano são, além de Lee Konitz, alguns dos nomes associados ao *cool*).

Konitz estudou com Lennie Tristano. A sua parceria com Tristano e com o iconoclasta saxofonista tenor Warne Marsh influenciaram-no profundamente. No início dos anos 1950, afastou-se do estilo *cool* e encontrou o seu próprio caminho, primeiro na Europa, em 1951, depois como membro da banda de Stan Kenton. A partir de meados dos anos 50, já com uma reputação internacional firmada, Konitz dirigiu as suas próprias bandas, gravou vários discos, deu numerosos concertos. Começou também a envolver-se no ensino, intensificando essa actividade nos anos 60. Em 1967 gravou *The Lee Konitz Duets*, uma série de duetos com vários músicos, que ficaram como um marco na história do *jazz*. Em meados dos anos 70 gravou vários álbuns com Warne Marsh, com grande sucesso junto da crítica e do público e formou um noneto, semelhante ao de Miles/Evans onde tocara 30 anos antes.

Mantendo uma actividade regular, quer apresentando-se ao vivo, quer gravando, compo, ensinando, em 1992 recebeu o Jazzpar Prize. Em 2000 aventurou-se na música clássica com o álbum *French Impressionist Music of the Turn of the Twentieth Century*. Em 2004 o Mark Masters Ensemble juntou-se a ele para o trabalho *One Day With Lee*.

Lee Konitz é uma das mais originais, complexas e interessantes figuras do *jazz* do pós-guerra que acompanhou, em sessenta anos de actividade, todas as grandes mudanças e revoluções do *jazz*, demonstrando uma notável capacidade de renovação.

Ohad Talmor

Nasceu em 1970 em Lyon, França, de pais israelitas. Cresceu em Genebra, na Suíça. Em casa ouvia-se permanentemente música clássica. Aos cinco anos foi estudar piano no Conservatório de Genebra. Em 1987, num programa de intercâmbio de estudantes, mudou-se para a Florida e co-

meçou a estudar saxofone influenciado pelo pouco jazz que tinha ouvido na Suíça. Regressado à Europa estudou musicologia na Universidade ao mesmo tempo que ia tocando *jazz*. Tocar ao vivo acabou por prevalecer face aos estudos e Ohad passou a fazer parte da cena jazzística europeia. Paralelamente à sua actividade como músico, tocando saxofone ou clarinete, Ohad foi-se interessando cada vez mais pela composição e arranjos, o que lhe permitiu ter uma bolsa para estudar na Manhattan School of Music, onde obteve um diploma em composição em 1997. Desde essa altura que vive em Brooklyn, Nova Iorque, onde trabalha em vários projectos como músico, compositor, arranjador e, por vezes, também como actor.

Desde que chegou a Nova Iorque que Ohad Talmor dirige e compõe para cinco bandas com diferentes repertórios, sendo também o director musical do noneto de Lee Konitz e do sexteto de Steve Swallow. Entre os seus grupos, destacam-se: “Newsreel”-Ohad Talmor 5tet, The Other Quartet (co-dirigido com o trompetista Russ Johnson), MOB trio, Ohad Talmor 7tet e Scent of the Morning Dew.

Ohad Talmor tocou e gravou com, entre outros, Steve Swallow, Jason Moran, Dave Douglas, Chris Potter, Billy Hort, Carla Bley Big Band, Ray Anderson, Curtis Fowlkes, Jim Black, Bob Dorough, Joachim Khun e Matthieu Michel.

Como arranjador/compositor escreveu peças para os Brecker Brothers, Lee Konitz, Steve Swallow, bem como para intérpretes de música clássica como Martha Argerich, o Spring String Quartet (Austria) e o Axis String Quartet (Nova Iorque). (ver www.ohadtalmor.com)

Orquestra de Jazz de Matosinhos

Em 1997 o pianista e compositor Pedro Guedes fundou a Heritage Big Band. Um

ano depois juntou-se-lhe, também com funções de direcção, o pianista e compositor Carlos Azevedo. Apoiada desde sempre pela Câmara Municipal de Matosinhos, a HBB passou a designar-se Orquestra de Jazz de Matosinhos (OJM).

A partir de 2001 a OJM conta também com o apoio do Instituto das Artes (antes IPAE) e da Casa da Música. Nesse ano a OJM torna-se na primeira orquestra de jazz nacional a encomendar obras a compositores portugueses. No concerto de encerramento da Porto 2001, dirigida por Zé Eduardo, interpretou obras de António Pinho Vargas, António Pinto, Bernardo Sassetti, Carlos Azevedo, Laurent Filipe, Mário Laginha, Pedro Moreira e Zé Eduardo. Nessa ocasião participaram como músicos convidados três solistas de prestígio mundial: Bob Berg, Ingrid Jensen e Conrad Herwig.

Em 2002 a maturidade e o nível da orquestra são reforçados pela parceria com o Remix Ensemble, num concerto dirigido pelo maestro Stephan Ashbury, em que é interpretada a música do célebre disco da dupla Miles Davis/Gil Evans *Sketches of Spain*.

Em 2003, dirigida por Carla Bley, e contando com a presença de Steve Swallow e Gary Valente, apresentou-se num concerto integrado no “Festival em Obra Aberta” no Grande Auditório da Casa da Música, ainda em obras.

Actuando em inúmeros concertos em Portugal e em Espanha, o seu repertório original é mais uma vez renovado com dois dos melhores saxofonistas da actualidade, Mark Turner (no Teatro Rivoli e no Festival de Jazz de Guimarães) e Rich Perry (CCB e Teatro de Vila Real).

Pretendendo alargar as encomendas a compositores estrangeiros, dirigiu um convite a Lee Konitz. O convite foi aceite, Konitz compôs todas as peças que integram este concerto em que participa como solista principal. Os arranjos e a direcção de orquestra ficam a cargo de Ohad Talmor.

Pedro Guedes

Iniciou os seus estudos de piano aos 5 anos de idade. Mais tarde ingressa no Conservatório de Música do Porto e frequenta a Escola de Jazz do Porto, onde é aluno de Mário Laginha.

Em 1992 é admitido na New School for Jazz and Contemporary Music em Nova Iorque, tendo concluído o curso em 1994. Durante este período estudou com alguns dos mais reputados músicos de jazz (Richie Beirach, Fred Hersh, Brad Meldhau, Jim Hall e Joe Chambers, entre outros) tendo efectuado diversos concertos em clubes de jazz e auditórios nos EUA.

Regressado a Portugal em 1994, desenvolve a sua actividade como músico e professor, nomeadamente fundando e dirigindo a Heritage Big Band, que deu origem à OJM.

Em 1997 é admitido na University of Southern California em Los Angeles onde frequenta o curso de pós-graduação em Scoring for Motion Picture and Television. É bolseiro da Comissão Cultural Luso-Americana (comissão Fullbright) e da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento. Concluiu a pós-graduação em Maio de 1998 com dois prémios: um concedido pela USC-International Student Award e um Prémio de Composição – Harry Warren.

Leccionou na Universidade Católica Portuguesa na Escola de Artes do Porto. Actualmente é coordenador da área de Jazz na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto.

Carlos Azevedo

Nasceu em Vila Real em 1964. Estudou no Conservatório de Música do Porto, concluindo aí o Curso Superior de Piano. Em 1991 finalizou o Curso Superior de Composição da Escola Superior de Música do Porto. Concluiu o mestrado em Composição na

Universidade de Sheffield (Reino Unido). Participou nos Cursos Internacionais Projazz em 1990 (Sir Roland Hanna) e 1991 (Hal Galper).

Actuou em diversos festivais de jazz no Porto, Guimarães, Loulé, Matosinhos. Tendo-lhe sido encomendada uma obra para estrear no 9º Festival de Jazz do Porto em 1999, essa encomenda deu origem ao “Carlos Azevedo Ensemble” com o qual representou Portugal no Festival de Jazz de Nantes (2000), actuando ainda no Festival de Guimarães de 2001 e gravando o CD *Lenda*.

Toca com regularidade, integrando diversas formações.

Tem composto diversas obras de câmara ou para orquestra, interpretadas, entre muitos outros, pelo Grupo Drumming, pelo duo Contracello ou pela Orquestra Nacional do Porto. O seu Quinteto para Metais *Jazzi Metal* foi recentemente editado em CD pelo Royal Scottish Academy Brass.

Foi um dos cinco finalistas do “International Composition Contest” para a Brussels Jazz Orchestra, tendo dirigido essa orquestra na final. Em 2004 ganhou o 1º prémio do mesmo concurso.

Actualmente lidera o seu trio e co-dirige a Orquestra de Jazz de Matosinhos.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao Parque de Estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

PRÓXIMO ESPECTÁCULO

DANÇA 15, 16 E 17 DE MARÇO

21h30 · Palco do Grande Auditório · Duração 50 minutos

Climax (dias 15 e 16) Simple Proposition (dia 17)

Pela Compagnie 7273

A Compagnie 7273 apresentará o seu mais recente projecto coreográfico *Climax* (dias 15 e 16) e a criação de 2004 *Simple Proposition* (dia 17). A concepção, coreografia e interpretação estão a cargo de Laurence Yadi e Nicolas Cantillon, que consideram que “na arte da dança não há uma fórmula milagrosa, e é isso que abre um espaço claro à invenção”.

Naturais de França, Laurence Yadi e Nicolas Cantillon trabalharam, entre outros, com os coreógrafos Rui Horta e Guilherme Botelho, antes de fundarem, em Dezembro de 2000, a Companhia 7273 franco-suíça, com a qual criaram *La Vision du Lapin* (2003,) já apresentada em Portugal (O Espaço do Tempo, Montemor-O-Novo, e Centro Cultural de Belém, Lisboa) e *Simple Proposition* (2004). Os seus projectos coreográficos têm despertado um interesse crescente da parte da crítica e do público e têm circulado na Europa (Suíça, França, Alemanha, Polónia). Regressam agora a Portugal para uma nova residência em Montemor-O-Novo e para a criação de *Climax*, que será co-produzido por O Espaço do Tempo e pela Culturgest, e apresentado nestes dois espaços e também no Teatro Viriato, em Viseu. À Culturgest trazem igualmente o dueto *Simple Proposition (Proposta Simples)*.

Conselho de Administração

Presidente Manuel José Vaz

Vice-Presidente Miguel Lobo Antunes

Vogal Luís dos Santos Ferro

Assessores

Gil Mendo (Dança)

Francisco Frazão (Teatro)

Miguel Wandschneider (Arte Contemporânea)

Raquel Ribeiro dos Santos (Serviço Educativo)

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blazquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

António Sequeira Lopes (Produção e Montagem)

Paula Tavares dos Santos (Produção)

Susana Sameiro (Culturgest Porto)

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Rita Conduto (estagiária)

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Direcção Técnica

Eugénio Sena

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Audiovisuais

Américo Firmino (Chefe de Imagem)

Paulo Abrantes (Chefe de Audio)

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (Chefe)

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira (Chefe)

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Moraes Bastos

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Joana Marto

Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Culturgest, uma casa do mundo.

Informações 21 790 51 55

Edifício Sede da CGD, Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa

culturgest@cgd.pt • www.culturgest.pt

